

MINHAS MEMÓRIAS - BELLÂTRE¹

As descrições da vida na Praia de Ipanema, nos anos 60, nos mostram que o Bellâtre havia encontrado uma companheira bonita e inteligente; juntos fizeram muito sucesso. Em cerca de 10 anos entre namoro e casamento eles viveram uma emulação narcisística. Ele, atlético, pontificava em pé na areia da praia com pouco mais de 20 anos, enquanto ela jogava fescobol com um corpo deslumbrante. Havia um mútuo cuidado com a beleza física e com a vida intelectual. No momento em que ela fez o movimento de competir com ele neste último campo, nas traduções que complementavam o orçamento, não houve mais solução: - a relação terminou, ele a excluiu do grupo, não foi mais procurada socialmente nem em sua atividade como tradutora na qual dependia dele como avalista e mentor.

Tal processo lhe provocou uma ferida narcísica sem retorno, que se desdobrou em muitos anos de enfermidade mental. Ele a promoveu a rainha do bloco e, mais tarde, a degradou – quando podia fazê-lo e com alguém certamente ainda mais frágil que ele. Ele a havia conhecido muito jovem e ela não havia desenvolvido uma “luz própria” capaz de lhe dar força para fazer face a tal ação. Içada aos píncaros do mundo intelectual e político mundano, ela se viu solta, largada no espaço como uma folha morta e por muito tempo não teve forças para aterrissar e reconstruir-se. A questão era, certamente, mais complexa que esta explicação, mas ela é parte do conjunto. Talvez o sucesso do Bellâtre nesta operação o tenha feito crer que a estratégia funcionaria com outras pessoas, ou outras mulheres, mesmo que por outras razões e que ele tivesse que agir de maneira mais radical e expor-se de forma mais evidente. No entanto, não há nenhuma dúvida a respeito de que ele usou e usa sua posição social, reforçada por elogios abundantes que envaidecem as pessoas, por seu capital intelectual, sua “brandura”, seu capital estético e outros, em sua luta destrutiva das mulheres que amou. Em que medida terá feito o mesmo ao longo de sua vida política e intelectual em geral é difícil saber, mas pode-se supor provável.

Diga-se, de passagem, que naquele período, era regra ficar até o fim das reuniões, da praia, das festas porque sair antes era expor-se a comentários jocosos, insinuações, maledicência disfarçada – e isto no Brasil e em Ipanema durou por muito tempo, até os anos 70. Nosso autor era um personagem temido, pela sua capacidade de fazer comentários destruidores, porém “finos”, alusivos. O ideal era sair todo mundo junto. Este era o espírito da época.

¹ Homem muito belo, porém de uma beleza *fade*.

Um rápido comentário deve ser feito ao episódio de sua prisão – com ex-mulher, namorada e mãe, que deve ter sido considerada mais perigosa porque ficou mais tempo. Havia um rumor generalizado sobre a prisão dos chamados intelectuais comunistas. Muita gente foi atingida no final de 1970 e início de 1971, possivelmente por divergências entre os militares e no seio de um processo no qual ocorrerão as 22 mortes de 1975. Mas para muitos intelectuais foi algo leve. No caso concreto ele foi interrogado, recebeu uns choques nos dedos, teve um acesso de choro e o deixaram em paz. Fez até amizade com seu inquisidor, cada qual tratando de saber, a cada contacto, o que poderia se passar: síndrome de Estocolmo? Não creio. Escolheram bem um gentil e culto inquisidor e Bellâtre não tinha nenhuma aparência de alguém perigoso. Era um jovem, belo e culto (para os padrões locais) rapaz, o representante de *jeunesse dorée* ipanemense.

Aliás, a importância que o autor atribui à sua “pertenência” à Ipanema (nos dois sentidos, se que ele é parte da turma que “fez o bairro” e no sentido de que o “espírito” do bairro lhe pertence), à qual agrega o Leblon – não por acaso bairros “chics” da cidade - faz com que se pense no processo através do qual animais de pequeno porte delimitam o seu espaço. Ora, trata-se de um recém-chegado ao país e à cidade – e ninguém se arrisca a uma imigração por generosidade, salvo em casos de perseguição política, mas porque no país de origem no século XIX faltavam empregos - e que dispôs de tão boas condições de vida que se sentiu dono da localidade. Eu nada posso dizer: minha mãe emigrou para o Brasil nos anos 20 do século passado quando seus pais perderam quase tudo num cataclismo e não quiseram ser pobres em Portugal. Mas, o fato de descender por via paterna de nobres quinhentistas, não me fez tentar o mesmo da Candelária a Guaratiba (Pedroza, 2008) ² – não apenas pelo ridículo da empreitada que não me passaria pela cabeça, mas pela pobreza que revela do ponto de vista social e pessoal. Esta é, porém, uma conversa mais longa na denúncia dos preconceitos e no desprezo pela vida de trabalho que assegura o pão de cada dia.

Um episódio da maior relevância, que escutei inúmeras vezes, foi colocado em

² De acordo com a tese de doutorado de Manuela Pedroza (Campinas, 2008), Marcos Cardoso dos Santos, sesmeiro e dizimeiro em Campo Grande, dono do Engenho Cabuçu e de outras “datas” de terra, casado com Úrsula Martins resolve, em meados do século XVIII, como estratégia de enobrecimento, casar seus filhos José Cardoso dos Santos e Marcos Cardoso dos Santos com as duas filhas de Maria Álvares Melo e Carlos de Paiva Pereira. Maria Álvares de Melo era natural e residente na freguesia da Candelária, filha do português João Lopes Neto com Catarina Pereira de Melo e neta de capitão português instalado há tempos na colônia, descendente direto da antiga nobreza colonial quinhentista. Desta forma, Maria Inácia de Paiva e Úrsula Maria das Virgens casaram-se na Candelária e mudaram-se para Guaratiba. Acumularam a maior fortuna da região, com 7 “datas” de terra. Esta é a origem dos Paiva na região (meados do século XVIII); junto com os Viegas são os primeiros nobres que aí se instalaram. Ver também Frida Friedman, 1995.

letra de forma por ele mesmo e exprime melhor que qualquer coisa sua maneira de sentir-se no mundo. Um colega de rua teria roubado um canivete e seu pai condenou o ato. Ele então resolveu puni-lo exemplarmente, dando-lhe uma surra e expulsando-o do grupo. Ou seja, sentia-se não apenas como A Justiça (que julga, condena e pune), mas como alguém com capacidade social de incluir ou excluir. O suposto ladrão de canivete era um filho de imigrantes, pequenos comerciantes sem cultura nem lastro social, um *parvenu*, um plebeu, julgado pelo Príncipe herdeiro de um oligarca do PC – a analogia com o que ele supunha ser eu é mais que evidente. O problema esteve em que, na surra, ao ser apartado perguntou: “Chega ou quer mais?”. Ele estava todo lanhado; o outro, inteiro. Esta não é uma fábula em que o príncipe e os justos perdem para a plebe ignara e furtiva. É uma história que diz muito de quem conta: alguém que se sente com o superior direito de julgar, de condenar e de punir, mas sabe que suas forças - subjetivamente enormes - sempre foram objetivamente muito pequenas. É uma história de alguém que quer exercer o poder, mas tem medo. Que ela atravessasse toda a vida de uma pessoa mantendo sua importância, nos informa a respeito dos sentimentos de superioridade e impotência que a marcaram. A plebe ignara vai terminar por roubar tudo e nos levar o poder... A menos que o príncipe recobre sua autoridade tornando-se um monge leigo ou algo do estilo.

Retornando à questão central do poder. Quando estive no governo em Brasília muitas vezes eu estacionava à espera de entrevista com o Ministro na sala do ilustre e gentil Cláudio Lembo, chefe de gabinete de Marco Maciel e que – tendo tudo entendido, me deu de aniversário um livro sobre Pagu. Um dia eu lhe fiz a seguinte pergunta: por que v. , que tem uma carreira tão importante fica aqui como chefe de gabinete? Por que? Pelo poder! E o que é o poder para v.? Admitir, demitir e distribuir o dinheiro. Ou seja, ter poder sobre os recursos do Estado e sobre homens. Queria o rapaz algo diferente? Ele queria poder dizer quem pertence ou não pertence a “nós” – e o livro, deste ponto de vista, é fantástico: uma grande lista de uns 400 sobrenomes conhecidos – por ele admitidos e alguns poucos demitidos sem sobrenome (no plano explícito). Ele distribui sua benção social... com muitos elogios aos eleitos. Com isso ele se enquadra, se expõe, se define como *radical chic* e restringe o seu pequeno mundo.

Faço aqui um triste parêntesis para, em conexão com a questão do poder sobre o outro, que nada me surpreendeu tanto que um episódio ocorrido no final de 1988. Era um momento muito duro, o mais duro de toda a minha vida. Eu acompanhava, com minha mãe e irmã, os últimos meses de vida de meu irmão menor com AIDS terminal. Não é alguma coisa que se possa contar, tal o pavor vivido por aqueles que fizeram como nós: - tomamos medidas e impedimos que ele morresse de complicações pulmonares. A solidariedade dos amigos foi impressionante, embora nada nos pudesse consolar. Duas

psicólogas me haviam ajudado a encontrar um apartamento maior para abrigá-lo; foram elas também que me assediaram de forma inacreditável quanto Bellâtre deu um passo importante na sua vingança. Excluiu-me numa entrevista à Veja. Carlos Nelson o interrogou: E Vanilda? Ele deu sua resposta padrão. Ela me disse quando da separação que jamais fizesse menção à nossa vida em comum. Em meio à dramática situação vivida e ao assédio louco, reagi mal. Escrevi cartas, disse bobagens – ou melhor, disse coisas que só hoje explico melhor o sentido. Olhando retroativamente, vejo que ele acionou um mecanismo que deveria ter me amargurado 20 anos de vida, reiterado com mais força para amargar a velhice. Talvez a reiteração tenha resultado do fato de que eu me aborreci em 88, mas não me deixei amargar. Sofri a perda de meu irmão e segui em frente na vida, trabalhando, estudando, escrevendo, viajando, encontrando pessoas, adquirindo a cultura possível, saindo para dançar, ir ao teatro, curtindo a família e buscando ser feliz. Afinal, eu nunca entendi: como é que alguém coloca outro no centro de suas preocupações visando uma vingança cujas razões não são claras nem para ele. Talvez mesmo por isso, mas é de uma crueldade e infelicidade sem fim nem sentido, que suscita muita pena.

Não fiz qualquer comentário, mas não pude deixar de – internamente – me escandalizar. Mas, devo confessar que relativizei meu julgamento no dia em que recebi a completa confirmação de bolsa de estudos e viagem: D. Ione me disse que era assim, que algumas pessoas traziam sorte e que eu estava com o filho dela. Deduzi que não havia sido o meu esforço... Isto lembra uma expressão que Leandro sempre repetia: *tá comigo, tá com Deus*. Ou seja, se me perder, se me deixar, fica desprotegida, vai pro diabo, te mando pro inferno. Sentia-se como um Deus.

ALEMANHA

Ele havia chegado a Bonn dois meses antes e dormia na sala da casa dos Koch-Weser em Bad Godesberg. Com a minha chegada e meus fins de semana fora de Boppard am Rhein terminamos por alugar um quarto na rua ao lado em Bad Godesberg, na casa da Frau Meyer, liberando nossos amigos da corvéia de um hóspede de longo prazo. Foi neste período que a Maritta começou a se informar e, na verdade, organizar sua/nossa vida. Ela descobriu que iria vagar o leitorado de Português na Universidade, falou com seu professor de romanística Gutierrez e apresentou os dois. Em seguida, face à mudança de seu pai para um novo apartamento numa Alemanha com carência de habitações, ela lhe pediu para fazer a recomendação ao proprietário. Não era nenhuma maravilha porque

ficava junto a uma auto-estrada e o barulho era infernal, mas era uma moradia. O contrato foi feito em nome do Leandro, mas nós duas nos encarregamos de “vestir a noiva”: comprar cama e tapetes de sisal, lençóis, objetos de cozinha, e obter na rua, nas sextas feiras em que os alemães podem se livrar de tudo que não querem mais, aquilo que era necessário na casa. O sofá da sala foi dado pelo Merquior: era a cama de sua filha que havia sido trocada por uma nova.

A vida em Bonn, no começo, tinha sua graça. Saíamos no fins de semana com Maritta e Caio para a floresta onde se lia: *Trimm Dich*. Eu corria atrás deles com minhas pequenas pernas orientais. Todos já sabiam que *wandern* não era o meu forte e que eu tinha medo de cachorros. Devia ser contagioso porque virou piada entre nós um ataque de pânico que ele teve diante de um cachorrinho, encolhendo-se todo com as duas mãos no bilou. No final de 1972 fomos de carro com eles para o Natal em família em *Niklasreute* na Baviera e em seguida nos dirigimos a Viena onde assistimos a uma ópera em pé. Dali seguimos para Budapest - onde nos hospedamos na casa de Agnes Heller e Ferenc Feher, que se encarregaram também de obter hospedagem para os Koch Weser em casa de amigos. Ali combinaram a apresentação escrita do Leandro ao Prof. Heinz Holz em Marburg, o que fez dele um postulante não passível de ser rejeitado como doutorando. Com os Kraft fizemos algumas viagens pela Alsácia e também pela Baviera.

D. Ione estava presente três meses por ano e nos acompanhava em tudo. Os Kraft nos apresentaram a uma prima do Lothar, Gisela, grande poetisa, casada com um filósofo kantiano, Hariolf Oberer. Deles tornei-me grande amiga ao encontrá-la casualmente em Bonn em 1978, retomando a relação anterior. Naquele ano de 1973 estavam também em Bonn José Guilherme Merquior e Hilda e ainda Sérgio Tapajós; nos reuníamos no fim de semana em torno de uma cartolina desenhada por Leandro para o jogo da moda: WAR. Todos nos divertíamos, mas eu ganhava sempre. Os Merquior também organizavam jantares com brasileiros que chegavam a Bonn, como no caso do Pena e da Marion, e do Fernando Pedreira. Almoços em torno de brasileiros visitantes eram também organizados por Internaciones, um organismo oficial alemão, onde fomos introduzidos pelos Kraft, e foi num deles que conheci o saudoso Fernando Gasparian e Dalva.

Logo no começo compramos um carro velho, vermelho, dirigido por mim e apelidado por ele de “possante”. Com ele fomos a Berlin e eu fazia minhas viagens a Bonn, não raro dando carona a Osvaldo Peralva, jornalista desterrado naquelas paragens e que havia feito a espetacular trajetória de rompimento com o PCB em função do Relatório Khrushchev e publicara em 1958 o livro *O retrato*. Felizmente ele não estava quando, depois de ter ido recolher uns livros no *Fundbüro* do Aeroporto de Frankfurt/M, enganei-me num desvio, bati num gelo baiano e capotei a 40km por hora. A polícia me

levou para um exame e me liberou. Eu dirigi o carro sem vidros e todo amassado até à casa de Manfred e Deidra, casal amigo de alemão e americana que eu conhecera no curso de alemão em Boppard, onde me hospedava, e o levamos para ser picotado (*verschrottet*). Fui recebida na estação de trem de Bonn por Maritta que me levou a um hospital para fazer exames; de lá seguimos para a Endenischer Allee onde encontramos Leandro, que não tinha temperamento para enfrentar coisas desta natureza.

Enquanto o “possante” existiu e me tinha como motorista visitamos muitas igrejas, conventos, pequenas cidades, castelos entre Bonn e Frankfurt/M. Neste período baixaram em Bonn muitos personagens femininos, brasileiras e jovens. Uma delas era filha de uma colunista social que, volta e meia, o colocava como personagem na sua coluna. Lembro-me de Carlos Nelson lhe dizendo que não ficava bem, mas ele parecia gostar. A filha nos visitou em Bonn e eu dirigi o “possante” para mostrar-lhe o maravilhoso convento de Maria Lach.

Sem o “possante” eu me encontrava numa situação um tanto crítica. Precisava ir de trem para Frankfurt/M e durante diversas semanas eu dormia imediatamente ao entrar no trem, possivelmente como consequência do desastre, no qual protegi a cabeça com as mãos mas não escapei dos hematomas nas pernas nem de outras seqüelas. Mas o maior problema eram os livros de Eduardo um economista que estudara na Alemanha Oriental. Na viagem a Berlin – viagem um pouco complicada, na qual encontramos Gabeira, que recolhia fundos para ir da Suécia para o Chile, e na qual ajudamos a procurar Sílvia com sua irmã acompanhada pelo marido e um filho pequeno que, nervoso, dizia todo o tempo *kapputt! kapputt!* - havíamos prometido enviá-los para o Brasil pelo correio a partir da BRD e seguimos o plano. Ele os enviava ao Poerner em Colônia, nós deveríamos recolhê-los e enviá-los ao Brasil a partir de Bonn. O problema é que havíamos ido a Colônia e colocado todos os livros na mala do carro. Eles ficaram enfeitando o corredor dos Stinnes em Frankfurt, e eu transportava para Bonn uma parte a cada semana em caixas ou em sacos plásticos. De qualquer modo, chegaram a seu destino.

À medida que nos adentrávamos o ano de 1973 tudo ia ficando mais difícil, desde os meus seminários em Frankfurt/F nos quais eu tinha dificuldade de entender o que se dizia, até a vida em Bonn. Maritta defendeu sua tese em setembro e o casal se mudou para Washington, onde o Caio tinha sido contratado pelo Banco Mundial. Os diplomatas brasileiros foram transferidos. Foi ficando claro que o doutorado que ele havia começado em Marburg não era possível. O alemão necessário para um doutorado em filosofia estava acima das suas possibilidades. Ele era advogado, não tinha formação sistemática em filosofia e enfrentava as feras que haviam conseguido por mérito uma vaga com o sucessor de Ernst Bloch. As viagens a Marburg com troca de trens em Koblenz foram

ficando mais raras, até que cessaram completamente. Delas ficaram algumas anedotas, embora ele não falasse a respeito do que se passava propriamente em Marburg e eu evitasse perguntar. Na cafeteria da estação de trens de Koblenz a garçonete lhe indagou a respeito do café: “Ein Käntchen?” (um bule? algo que, em alemão, pode soar como “quente”). E ele: “mas como ela sabe que eu quero quente?”

Só ele sabe o que se passou naquele período: ou o professor sugeriu que desistisse ou ele mesmo chegou à conclusão de que deveria fazê-lo. A razão, certamente, não foi qualquer doença do Holz, criada na *Biografia de um Comunista*. Naquela época, na Alemanha, este não era um motivo para desistência. No meu caso, meu professor morreu. Nem por isso mudei de orientador. Os demais professores fizeram um *pool* para receber formalmente os doutorandos do Heydorn e, elegantemente, jamais interferiram no que fizemos: era nossa tarefa ler seus livros e orientar-nos por eles.

No caso do rapaz comunista ele tentou reiniciar seu doutorado em Bonn mesmo com Gustavo Gutierrez, mas segundo consta não preencheu requisitos imprescindíveis (como os *Scheine*) e teve que desistir. No Brasil encontrou dificuldades, mas conseguiu fazê-lo na UFRJ anos depois. Sua entrada foi fortemente apoiada por dois professores, aos quais, paradoxalmente, não é feita qualquer menção ou agradecimento: Hilton Japiassu e Olinto Pergoraro. Mas foi montada uma banca com nomes bastante conhecidos, todos citados e elogiados com nome e sobrenome.

Como o processo estava em curso nenhum de nós tinha consciência de que, aquilo que já há muito acontecera na Alemanha, começava também a se passar no Brasil: o fim do autodidatismo. Foi preciso enfrentar o processo na Alemanha e no Brasil. Começou aí um período difícil, de depressão e regressão. Estas se manifestavam de forma engraçada, embora eu jamais tenha dito uma só palavra a respeito. A casa foi invadida por uma grande quantidade de massinha para crianças em várias cores e havia uma grande atividade em torno da mesma. Não sei quanto tempo durou, mas lembro-me bem do resultado, porque foi colocado em cima da estante de tábuas e tijolos que havíamos construído na sala: um homem de pé e uma mulher ajoelhada e acorrentada como um cachorrinho por uma corda atada à mão do homem. A “escultura” falava por si mesma. No contexto de intelectuais comunistas, devia ser expressão do machismo que dominou (e ainda domina, posto que ainda existem!) tal grupo. Foi também nesta ocasião que ele criou um neologismo em alemão: o verbo “sakanieren”.



O “possante” - 1972

Creio que aí começaram também suas inúmeras aventuras amorosas, que incluíram até amigas minhas como a portuguesa Manuela, e seu desejo de viver como “Sartre e Simone de Bouvoir”- foi o máximo que ele teve coragem de me dizer. Vendo com mais 30 anos de distância posso entender que ele quisesse a casa só para ele, porque aquela certamente foi a única residência que ele sabia poder manter sozinho e longe da família. De qualquer modo, lembro-me que ele contava freqüentemente uma espécie de “piada” que atribuía ao seu irmão: “Quem não é o maior, tem que ser o melhor!” Nem maior, nem melhor. Olhando retroativamente creio que o narcisismo se acompanhava por um certo “dom-juanismo” que perdurou desde então; além de todos os casos que teve com suas alunas da PUC-RJ, uma relação de 11 anos paralela ao seu ultimo casamento atravessou quase todo o período de sua doença recente. Na verdade, nada tenho a dizer ou criticar. Cada qual faz de sua vida o que considera melhor ou responde a motivos profundos que, muitas vezes, nem se sabe explicar. A questão está na manipulação do leitor em favor de uma imagem. Mas, retornando à Alemanha dos anos 70, com muito pouco dinheiro, indo à Frankfurt/M uma vez por semana ou a cada 15 dias e dormindo na casa dos amigos Manfred e Deidra em Bornheim no começo da Begerstrasse, a minha casa era aquela que eu e Maritta havíamos organizado. Ficava em Bonn, na Endenischer Allee 86.

Havia, portanto, uma enorme dificuldade de comunicação. Pessoalmente tendo a ser uma pessoa calada e ele, salvo em público ou em situações sociais em que é o centro das atenções, também. Lembro-me de um episódio bem ilustrativo. Quando visitamos Maritta e Caio em Washington eles nos fizeram a gentileza de levar-nos a um passeio de

carro por um enorme bosque nas imediações. Ele recebeu o melhor lugar, ao lado do motorista, por suas pernas mais longas, e com uma visão privilegiada. Tendo encontrado um mapa do bosque no carro, ele seguiu toda a viagem pelo mapa, sem olhar a natureza do lado de fora. Sua mãe e eu e nossos amigos aproveitamos o passeio e creio que ele também, mas a sua realidade estava no papel, não no mundo. Acredito que uma real aproximação suporia uma atitude maternal radical e esta não era a minha postura - em primeiro lugar porque eu o considerava e tratava, em princípio, como um adulto; em segundo lugar, porque eu enfrentava um reinício da minha vida profissional, com a preocupação de não depender de ninguém, e isto implicava disciplina, cabeça ocupada, atividades devidamente programadas. Vivíamos, assim, situações completamente díspares, pouco propícias a confidências, à busca conjunta de soluções e à necessária cumplicidade dos casais.

No início de 1974 eu estava sozinha em casa num fim de semana porque ele havia ido a uma reunião do PCB em Paris. Soou o telefone e era alguém de Paris; eu disse que ele não se encontrava porque tinha ido para lá para participar da reunião. Responderam-me: mas não há nenhuma reunião! Lamentei a viagem inútil, mas continuei trabalhando. Por fim, vi o carteiro chegar e decidi descer para receber a correspondência. Isso era sempre motivo de piada porque, como o apartamento tinha vista para dois lados ele esperava o carteiro na cozinha e descia sempre imediatamente depois. Mas jamais fiz qualquer juízo sobre o assunto. Na correspondência não havia nada que parecesse importante, salvo uma carta de Paris para ele. Coloquei-a em sua escrivaninha. No fim da tarde, terminei de trabalhar e, andando pela casa, vi a carta. Envelope não conhecido, mas fino. Dava para ler as efusões amorosas. Pela primeira vez na vida abri uma carta destinada a outra pessoa. Era um cartão marcando o encontro do fim de semana. Soube mais tarde que as reuniões ou numerosas entrevistas com Jorge Semprun eram desculpas dadas para encontros com uma francesa chamada Andrea. Não tive dúvidas: abri a gaveta das cartas e li todas de uma só vez, espalhei-as pela casa, fiz as malas e fui para Frankfurt/M.

Começou aí um período difícil. A primeira dificuldade foi decidir se eu o aceitava de volta, depois de muito choro ao telefone. Terminei cedendo. A segunda foi a de encontrar moradia rapidamente, para não estorvar meus amigos. Tratei de alugar um quarto na esquina da Leipzigerstrasse, quase do lado da Universidade, num prédio construído para alugar a estudantes ou trabalhadores estrangeiros. Não foi fácil. Na noite mais fria do ano desligaram a calefação para pressionar os inquilinos antigos a aumentar o aluguel e passei o maior frio de minha vida. Restauraram rápido o aquecimento e, também rapidamente me informei sobre casas de estudantes. Constatei que havia um

grande quarto com banheiro e armário-cozinha num *Kolbheim*, mas seu estado era lamentável. Uma colega me aconselhou a ficar com ele porque dentro de pouco tempo iriam renovar tudo. Depois de muita dificuldade para receber de volta minha caução, fui para o *Kolbheim*. De fato, em um ou dois meses nos mudaram para os edifícios da *Ginnheimer Landstrasse*. Lá nos deixaram por três meses, depois dos quais nos retornaram à *Kronbergertrasse 34*, completamente nova, onde morei até voltar ao Brasil.

Na verdade, morar ali era muito agradável. Ficava a meio caminho da velha ópera sempre em obras e a torre que marcava a Universidade. Saindo da rua eu praticamente já estava na *Seckenberger Allee*, esquina de *Feuerbachstrasse*. Era uma esquina quente, pois ali ficava e fica o Café *Laumer* – centenário, maravilhoso, centro de encontro dos militantes de 1968. Indo em direção à Universidade se passava por um pelo fantástico *Palmen Garten*, com todas as suas delícias. Entrando pela *Feuerbachstrasse* desembocava-se na *Westendestrasse* onde moravam muitos amigos numa casa comunitária. Mais longe estavam os velhos edifícios da Feira do Livro e dobrando à direita o símbolo da modernidade universitária da época: a hoje tão detestada torre de 22 andares. Mas antes de atravessar a rua era possível por um pé no edifício do *Institut fuer Sozialforschung*, em total esplendor. Encontrávamos as pessoas casualmente na rua. Numa das vezes vimos Fernando Batinga, poeta baiano chegado do Chile, com o olho esquerdo muito vermelho. Dias depois estava muito pior. Perguntamos o que estava se passando e ele respondeu que era um problema já equacionado; tinha ido a uma farmácia e lhe deram um remédio. Leandro, prudentemente, pediu para ver o remédio. Na farmácia haviam entendido mal seu alemão e lhe haviam dado um remédio para os ouvidos...

Intensificaram-se as viagens a partir de então, com ou sem D. Ione. Fomos com ela aos Estados Unidos visitar Yara, minha afilhada, que havia nascido em Washington. Em Nova York ficamos na casa da irmã do Leandro e me lembro de lá ter encontrado Edelyn Schweidson e Peixinho. Também com ela fomos à Inglaterra visitar os Merquior e, na verdade, não morremos por pouco. José Guilherme se esqueceu do sentido da mão e andou em grande velocidade por muito tempo na contramão. Definitivamente o carro nas mãos da Hilda era mais seguro. Nossos destinos mais frequentes eram Portugal, Espanha, França e Itália, mas também estivemos na Tschecoslováquia, onde tive o prazer de conhecer Moreno – sapateiro fundador do PCB – e uma vez na União Soviética, com direito a assistência de um brasilianista assessor do Comitê Central de lá.

Em Moscou havia muitos brasileiros na Escola do Partido, entre eles Marly - ex-cunhada de Leandro - que encontrara Ramón e se liberara da confusa relação com José Salles. Era para mim a primeira vez, mas ele já tinha estado lá alguns anos antes representando seu pai, já morto, que recebeu uma medalha. De volta, passara por

Budapest e entrevistara Luckács - o mais estalinista dos filósofos marxistas. Ele não via com bons olhos a minha leitura de *História e consciência de Classe*, o mais importante de seus livros, anterior ao estalinismo e considerado historicista. Luckács lhe foi apresentado como filósofo através de um presente de seu pai - que funcionou como uma orientação à qual ele se manteve fiel ao longo da vida e que hoje, com a reiteração de sua condição de “intelectual comunista“, ele buscou estabelecer uma linhagem. Mesmo o terrível livro *A destruição da razão*, um clássico do estalinismo, recebe ainda elogios. Este um ponto é uma **chave** para se entender o personagem. Temendo e admirando o pai, sem uma personalidade forte, ele recebeu do pai não só a filiação do PCB mas também o autor a ser seguido e divulgado. Passou toda a sua vida no seu rastro, pensou o que deveria pensar, foi obediente achando que só assim seria amado. Assistiu seu grande sofrimento quando o irmão Victor rompeu com o Partido, andando pela casa sem conseguir dormir. Finalmente, numa só viagem assumiu seu lugar (no caso da Lenin) e prestou homenagens àquele que lhe fora indicado como mentor visitando Luckács em Budapest. É mesmo difícil largar o que envelheceu e caducou, até porque não se trata apenas do intelecto, mas de compromissos emocionais que nem são inteiramente conscientes.

Aliás, são duas as chaves para interpretar a vida do Leandro. Uma delas é o Luckács dado pelo pai, já quando adulto. A outra é o episódio quando tinha 1 ano e seu pai saiu da prisão com os nervos à flor da pele. Numa crise de infância, o pai não pode suportar e ameaçou esmagá-lo atrás de um armário. Estes dois episódios explicam o curso de sua vida.

Na verdade, eu funcionava como locomotiva das viagens, arrastando-o para a Grécia, para a Holanda, para lugares distantes de diferentes países (Andalusia, Sicília, Santiago de Compostela, Escócia, etc.) fazendo-o conhecer comigo o mundo naqueles anos, o que - de certo modo - o aliviava porque vivia me dizendo: “de nada adianta v. ter se afastado, eu continuo discutindo com v. o tempo todo“. Tratava-se de um processo do qual eu não fazia parte e minha resposta era sempre a mesma: “v. está discutindo com seu pai, não comigo“. No fundo, eu sabia que se ele não trabalhasse a complicada relação com seu pai nossa relação não podia perdurar; ele me havia identificado com o pai e isto é algo que pode ocorrer num segundo, através de um gesto, de um olhar, de uma maneira de falar. Eu era apenas um instrumento. Ao empreender a fuga em 1935 pretendiam ir para o interior do Estado, mas D. Ione, grávida, começou a sentir as dores do parto em Petrópolis. Foram para a Maternidade onde ele nasceu e seu pai foi preso. Ele mesmo diz que um certo sentimento de culpa o acompanhou, ao longo da vida, por ter empurrado seu pai para a cadeia (Konder, p. 15). Ao sair da prisão, muito nervoso, seu pai ameaçara de esmigalhá-lo com um móvel junto à parede. Este fato nunca lhe saiu da cabeça - ele

nunca deixou de tremer de medo, nem de odiá-lo, ao mesmo tempo em que o admirava enormemente. Este episódio e o presente do livro do Luckács são a explicação de muito da sua vida: Eles o fizeram para sempre medroso e obediente.

A transferência de tais sentimentos para mim liquidava a relação. Na família, ele admirava a irmã, que havia enfrentado aquele pai trabalhador, crente no comunismo até a morte e ao mesmo tempo temível, potencialmente cruel. Acredito firmemente que o episódio, contado a mim por ele mesmo, é verdadeiro e, para entender profundamente a natureza das relações desenvolvidas comigo, apesar da minha ausência física ao longo de mais de 30 anos, seu desejo de vingança, de negação, a leitura do texto de Freud sobre o “caso Schreber” é altamente elucidativo.

No magnífico livro de Jean Paul Schreber, o Dr. Flechsig é o instigador de suas perseguições, tentando aniquilar sua alma - à sua influência sucumbe mesmo Deus, tendo como pano de fundo aquele pai admirável (Moritz Schreber), um grande médico que, no entanto, segundo Paul Schreber “não sabia nada do ser humano real e vivo” (Schreber, p. 60; Freud, p.276). O tempo não importa: Fleche que ele conheceu e admirou em 1883, transforma-se em perseguidor 10 anos depois e mesmo sem sua presença física ele “conserva até o fim (no caso Schreber até 1911) toda a sua importância” (Freud, p. 289). Diz Freud a respeito da transferência no mesmo texto: “o sentimento de simpatia experimentado por um médico pode se dever a um processo de transferência, transferência pela qual um investimento afetivo do enfermo foi transporto de uma pessoa que lhe era muito importante à pessoa de um médico indiferente em si mesmo, de tal modo que o médico parece ter sido escolhido como substituto de qualquer outra pessoa próxima” (Freud, p. 294).

Nos últimos 30 3 muitos anos estivemos diante de um processo que apresenta similitudes. Schreber torna Flechsig como “permanentemente ligado a ele” num ‘encadeamento que tem uma perspectiva de fatalidade’ (Schreber, p. 61 e 64). Seu pai (e Deus) formam com Flechsig um conjunto no imaginário do sujeito que precipita vivências e interpretações compatíveis com tal partição da realidade subjetiva (Lacan, 93-102). Com o passar dos anos Deus assume riscos que o fazem gritar “Socorro!” com angústia (Schreber, p.214) e a alma de Flechsig é percebida como dividida, perdendo progressivamente sua força. Chega então a hora da vingança - aquela em que pode parecer possível tentar assumir o lugar do pai e do perseguidor! Uma boa explicação para o ataque imediatamente após a morte de meu irmão.

Sobre a questão do narcisismo ela nem merece ser abordada por tão evidente. A libido fixa-se sobre si mesma e este se torna seu único objeto sexual. No entanto, existem diferentes estágios do narcisismo e ele pode encontrar formas de sublimação que

contribuem à amizade, à camaradagem, ao espírito de corpo e mesmo ao amor da humanidade (Freud, p. 316-317). Trata-se de um *continuum* muito diferenciado, que permite relações amorosas heterossexuais e familiares, mas que se mantém latente e pode explodir de diferentes maneiras. Eu sempre fui acusada de “não admirá-lo”. Um amigo comum, há décadas atrás, me fez um comentário fortuito que me deixou sem fôlego: “Ele deve ser desses tipos que faz muque diante do espelho”. Eu não disse nada, mas perguntei-me: “como é que ele sabe?”. A resposta era simples - este amigo, pelo qual tenho grande admiração e estima até hoje, devia ser uns 10 a 15 anos mais velho que eu.

Certamente um ponto importante de divergência dizia respeito ao “brasileiro cordial” ou ao “comunista cordial”. Difícil aceitar que um intelectual sofra de “tédio à controvérsia”, como ele afirma – esta não é a posição de Machado de Assis (que está sendo interpretado) como o texto pode deixar parecer, mas de um de seus personagens. Quem não quer polêmica é porque tem a posição fechada e correta. Falou e disse, sem “ferir susceptibilidades”; até porque querendo ferir é fácil, mas sob mil e hum disfarces, ou *en passant*, entrando imediatamente em outro tema. Nada que permita respostas. Ou seja, tudo se faz por alusão, de forma indireta, dificultando ao máximo a legitimidade de qualquer contestação. Pode ser um misto de estalinismo com a pretensão de possuir uma autoridade autocrático-aristocrática. Em qualquer caso, o livro utiliza um nível elevado de violência simbólica que faz lembrar as abomináveis lutas no interior dos Partidos Comunistas. Como programa de vida é muito pouco.

Fui muito sistemática nos meus estudos. Para seguir a *alte Promotionsordnung*, em vigor, eu deveria freqüentar duas áreas conexas e uma desconexa, além de comprovar o *Grosseslatinum* - que considerei resolvido com os sete anos de latim do secundário no Brasil. As áreas conexas eram Educação e Sociologia, mas a desconexa não estava clara. Terminei optando por Romanística, embora a Universidade não tivesse português. Pensei comigo que o francês ia ser um problema e comecei a freqüentar seminários na área; mas concentrei no espanhol - principalmente em autores como Neruda e Carpentier. Foi uma decisão certa porque, quando fiz o meu *Rigorosum*, anos depois, a obrigatoriedade do francês havia caído e prestei meu exame apenas em espanhol. Em seis semestres eu tinha feito todos os *Scheine* (certificados) necessários e completado o número de seminários em cada uma das áreas. Vivi, portanto, três anos e quatro meses na Alemanha nos anos 70; mas lá voltei três vezes por três meses seja por Reconvite do DAAD seja como Professora Visitante nos anos 80 e trabalhei num instituto da Unesco em Hamburgo durante um ano e meio nos anos 90. Já nos anos 2000 fiz em Frankfurt/M o meu estágio Sênior.

Depois de alguns meses eu me sentia muito bem em Frankfurt. Fiz diversas

amizades novas com minha vizinha Ingrid Biebrich, no Kolbheim, com alguns colegas do Seminário que se realizava sempre na casa de Heydorn, com Fabian que havia dividido apartamento com brasileiros em Chicago, com Hans e Jehovanira Fuchtnner, com Waltaut Heidenreich que acompanhava os estudantes estrangeiros na Universidade de Frankfurt, com Heinz Peter Gerhardt e seus amigos de comunidade estudantil. Era uma vida movimentada, da qual Leandro participava porque ele jamais faltou num só fim de semana, de quinta a domingo. Íamos aos restaurantes gregos, turcos, à pizzaria da Leipzigerstrasse e ele se divertia jogando totó com Jehô em sua casa em Schwalbach AM Taunus, perto de Frankfurt. Eu ignorava suas atividades conquistadoras e ele não tinha razões para preocupação. A única demonstração de ciúmes ocorreu após um jantar com Fabian von Schlabrendorff; na verdade, não lhe dei atenção porque acredito até hoje que o problema se encontrava no sobrenome do meu amigo. Também jamais fiz a suposição de que Heinz Peter, mais novo que eu e colega que muito me ajudou, pudesse ser objeto de tais sentimentos. Ele era meu colega de doutoramento e ajudou-me enormemente em muitas coisas, especialmente na correção do alemão de minha tese, recebendo – em contrapartida, minha ajuda na organização da forma de conseguir encontrar os caminhos para sua pesquisa empírica em Angicos. Verifiquei mais tarde que eu estava errada.

Ficar na Alemanha para escrever a tese era uma perspectiva, mas definitivamente não era a melhor. Se Leandro quisesse voltar ao Brasil nada o impedia; ele tinha sido absolvido do tal processo e os outros não tinham qualquer importância. Mas, qualquer pessoa que conheça os personagens centrais desta estória sabe perfeitamente que não tenho o perfil de alguém que se aconselhasse com ele. Ocorreu de forma muito diversa minha decisão de retornar ao Brasil. No final de 1975 eu deveria decidir se solicitava ou não uma renovação de minha bolsa. Eu já havia feito tudo o que era requisito obrigatório para o doutorado na Alemanha. A relação não ia bem e, na verdade, deveria ter sido terminada dois anos antes. E, de qualquer modo, como ele tinha um emprego e não era exilado, podendo voltar ao país quando quisesse e tomar tal decisão não impunha uma separação. Coincidentemente, neste mesmo período apareceram em Bonn - onde eu me encontrava - dois personagens convidados pela Fundação Adenauer: Pe. Paulo Menezes acompanhado por Luis Eduardo Soares, então com uns 20 anos de idade. Lembro-me de um grande passeio que fizemos com várias voltas em torno do jardim do palácio de Bonn - Luis Eduardo a uma discreta distância - em que Pe. Paulo, meu confessor e mentor, uma das grandes figuras que conheci na vida, me convidou e convenceu a voltar ao Ibrades. Eu lá poderia escrever minha tese. Pedro Demo acabara de optar pela Universidade de Brasília e havia um posto livre que ele guardaria até a minha volta em março. Resolvemos, assim, que eu não pediria renovação da bolsa e retornaria no dia 15 de

março.



Paulo Meneses – Vanilda Paiva – Luis Eduardo Soares –Münster – 1975
fotografados por Leandro

Deve ser dito que jamais falamos em separação, jamais discutimos as dificuldades da relação. Tudo se passava como se reinasse a paz e a tranquilidade entre nós. Nunca houve uma discussão, um tratamento descortês e nem mesmo a abordagem do significado do meu retorno. Talvez um só sintoma dissesse tudo – a partir do segundo mês de vida em comum passei a ter uma alergia nasal muito forte, que durou 17 anos. Ela cessou subitamente após um episódio análogo ao da “autobiografia”, programado para cair na minha cabeça, imediatamente após a morte de meu irmão mais novo.

Antes de partir fizemos uma viagem à Itália e no dia de minha saída todos os meus amigos frankfurtianos compareceram ao aeroporto. Jehovanira, com quem até hoje mantenho amizade, me sussurrou: ele está me dizendo que v. o está deixando. Não respondi e despedi-me de todos como se nada estivesse acontecendo. Já no Rio fiquei em casa de meus pais e comecei a procurar apartamento. D. Ione me propôs, então, que eu alugasse o apartamento dela na Rua Jangadeiros e eu aceitei. Mudei-me para lá e fui rapidamente surpreendida por dois eventos. Um deles foi a aparição de um primo de Leandro recém-casado que estava se separando e queria encontrar um lugar provisório para a mulher. Eu lhe disse que um amigo viria ao Brasil para fazer sua pesquisa, mas eles me asseguraram que era por pouco tempo. Ela ficou, então, com o segundo quarto da

casa. Jamais dormiu ali, mas me impediu de ceder o quarto a qualquer visita. Não me dei ao trabalho de trocar o segredo da fechadura; ninguém iria invadir minha casa. Eu estava errada. Entro um dia pela sala vazia e a encontro completamente mobiliada, com móveis que eu conhecia. Eram, sem dúvida, bonitos - mas eu fiquei estupefata. Que a inferência na vida do irmão e a dependência emocional e financeira deste fossem um objeto de permanente conflito entre nós era um problema enfrentado há anos, mas eu jamais havia sofrido uma invasão direta. Mas, entre criar um caso e esquecer a questão preferi a segunda opção por dois motivos: eu tinha muito trabalho (saía às sete horas e retornava às 19hs) e precisava de um lugar para alojar o Heinz-Peter, já que o segundo quarto estava cedido, embora não utilizado. Coloquei-o na sala, onde ele usava o sofá para dormir e a mesa para trabalhar. Eu passei a entrar e sair pela cozinha, como estudante.

Se bem conheço o espírito das famílias comunistas constituídas na primeira metade do século XX e, em parte, herdadas pelas gerações seguintes, o modelo era o de deixar a mulher só ou com os filhos sempre que entravam na prisão ou na clandestinidade. Em muitos casos o modelo funcionava ao longo de toda a vida. Ignoro se tal modelo pudesse estar por detrás do caso aqui tratado. Fato é que falei uma ou duas vezes por telefone com ele da casa da irmã (era uma raridade um telefone de tão longe para quem ganhava tão pouco), mas não tive muita paciência para ouvir declarações de amor e coisas semelhantes numa sala sem qualquer privacidade e tendo problemas graves de doença na minha família. Pouco depois, indo pagar o aluguel D. Ione me pediu o apartamento. Pela lei eu tinha todo o direito de negar, mas não o fiz. Ela não estava me fazendo um favor; eu era uma inquilina que pagava aluguel e não tinha contrato. Talvez eles estivessem esperando para ver se eu poderia estar eventualmente grávida – como se fosse possível a uma pessoa com minhas características dar o “golpe da barriga” e como fosse certo que eu quisesse ficar com ele a qualquer preço, ou ter um filho só para mim: não haviam entendido, em tantos anos, que eu fizera a opção por não ter filhos - e por isso me ofereceram alugar o apartamento. Esclarecido este ponto, agiram como trogloditas. Eu preferi retornar à casa de meus pais e sair dali o mais rapidamente. A relação estava finalmente terminada, sem que uma palavra tenha sido trocada entre nós. Desta época sei por relato de Carlos Nelson e Amélia que ele passou a ir nos fins de semana para Bologna (onde eles se encontravam exilados) com arritmias, taquicardias, achando que ia morrer do coração.

Vale à pena, porém, contar que como eu visitava regularmente D. Ione, um dia tomei emprestado um livro das estantes do Leandro. Era um livro de *Proust* chamado *A Prisioneira*. Foi um espanto! Não pelo livro, cujo autor é em si mesmo uma segurança de qualidade. Mas pelos comentários e partes sublinhadas a lápis. Aquela pessoa não podia

ser a mesma com a qual eu convivera cinco anos! Eram ressaltados os aspectos e comentários mais sinuosos da alma humana, escritos de uma forma que nenhum de nós poderia alcançar, e que eu mesma teria apreciado na capacidade de análise e de percepção, mas certamente não teria endossado e ressaltado belas e sutis descrições da maldade humana. Num espaço de 33 anos esta leitura e a da “autobiografia” me mostram que pouco mudou numa vida interior que conheci mal.

Ainda na Rua Jangadeiros recebi numa noite uma visita especial. Uma pessoa que eu conhecera pessoalmente na Suíça e que fazia parte do grupo de estudantes de história colegas de sua irmã no Rio. Era muito bonita, mas estava muito gorda naquele momento. Foi direto ao ponto. Estava ali para me contar que havia tido uma longa relação amorosa com Leandro, algo que terminara recentemente. Fiz uma única pergunta: considerando que ele dava aulas de português em Bonn entre segundas e quintas e que jamais faltou a um fim de semana em Frankfurt, gostaria que ela - que morava em Paris - me explicasse como se encontravam. A resposta foi simples. Ela tomava um trem em Paris e ele em Bonn, cada qual a 3 horas da cidade em que saltavam, Aix-la-Chapelle. Passavam à noite num hotel e cada qual retornava no dia seguinte. Aceitei como verdade porque numa ou noutra vez que liguei para Bonn à noite numa quarta-feira jamais o encontrei e me era sempre dito que ele havia ido a Colônia e dormido na casa de Arthur José Poerner. Foi tudo. Passei um mês sem dormir, lendo *O Capital* em alemão para reunir-me com o grupo semanal que se instalara no Ibrades e discutindo os meandros dessa estória com Heinz Peter na cozinha noite adentro. Mas minha inquietude não era por ciúmes. Era pelo espanto diante da hipocrisia, da mentira sistemática eficiente ao longo de longos períodos de tempos. Hoje, com a “auto-biografia”, compreendo que se trata de algo que atravessa toda sua vida.

Em 1978 fui à Alemanha para o meu *Rigorosum*. E fui a Bonn e a Paris buscar coisas que havia deixado. Em Paris o encontro com o belo rapaz não foi dos mais cordiais, até porque descobri que ele havia dado meus objetos comprados em viagens ao leitor de português que o sucedeu, obrigando-me a passar por Bonn na volta para recuperá-los. Pedi a ele minhas fotografias porque eu não tinha nenhuma daquele período da minha vida. Ele me havia dado uma máquina de fotografias de aniversário em 1973, mas eu raramente consegui tê-la em minhas mãos; era ele quem fazia as fotos e as colava num álbum. Dias depois recebi de Carlos Nelson dois pequenos pacotes com fotografias cortadas ao meio (recebi a minha parte) e coladas umas nas outras (porque haviam sido descoladas dos álbuns). À época fiquei atônita, mas não posso negar ter me lembrado das inúmeras vezes em que eu ouvia referências à eliminação de Trotski das fotos por Stálin. Por isso, recomendo a quem não leu que leia *O Arquipélago Gulag* de Soljenitzin junto

com aquilo que conseguiu vir à tona do jamais publicado em russo *Relatório Kroutschov*, ou seja, as partes traduzidas para o polonês, dele para o inglês e finalmente para o francês e impresso por *Le Monde*. A obra de Soljenitzin fala por si mesma, embora não traga informações desconhecidas de certos círculos desde os anos 40, quando alguns conseguiram fugir dos campos ou fazer chegar cartas ao Ocidente. Mas, naqueles tempos de Guerra fria e com um dos vencedores da II. Grande Guerra transformado em pai da humanidade e exemplo para todos os comunistas, quem queria crer?

O Relatório precisou lançar mão do eufemismo “culto à personalidade” não apenas para denunciar a ditadura de um único indivíduo (até porque os que o denunciaram foram participantes do sistema que permitiu todas as atrocidades), mas a repressão em massa com crueldade, a hipocrisia, as calúnias, a falsificação, os abusos, as execuções sumárias, a permanente violação da legalidade, a submissão pelo medo e pelo terror, a difamação, a destruição de reputações, a eliminação física e psicológica de pessoas e grupos inteiros considerados como inimigos ou potencialmente inimigos (e muitos dos quadros próximos ao poder), os inúmeros campos de concentração com trabalhos forçados e violência brutal que abrigaram milhões de pessoas. Além disso, a caracterização de todos os “suspeitos” como “inimigos do povo” terminou falsificação de documentos e em tortura para obter a confissão e auto-acusação de pessoas inocentes: tais confissões foram chamadas de “autocrítica”. Não que o termo fosse novo e que sempre estivesse identificado com tais processos, mas ficou definitivamente marcado como o reconhecimento de erros atribuídos independentemente de sua veracidade (a terminologia aqui empregada foi retirada diretamente do Relatório Khrouchev, personagem que compactuou com os crimes e que não exalto com tais comentários).

À parte, os erros do grande líder, que na Segunda Guerra Mundial custaram milhões de vida, foram transformados em êxitos e o grande chefe em “gênio militar”, genocídios contra povos inteiros e deslocamento de populações foram apresentados como criação de novas repúblicas, líderes dos PCs de outros países tinham medo de ir à União Soviética e jamais retornarem, apropriação do trabalho coletivo (como da História do PC da URSS, de relatórios, etc.) como trabalho individual com paralela depreciação da obra de outros, ameaças aos próprios membros do Politburo. Este clima se difundiu por todos os Partidos Comunistas mundo afora, com muitas lideranças não apenas se identificando a Stalin, mas utilizando muitos de seus métodos no interior das organizações. Não se pode dizer que o estalinismo tenha sido vencido. Mas sequer o Relatório – até hoje - foi dado a conhecer nem mesmo aos PCs - Thorez recusou-se a dá-lo a conhecer aos militantes do PC francês, numa atitude similar à de Togliatti, do PC Italiano. Dele se conhece aquilo que foi comprado no Mercado Negro polonês e certamente não era tudo.

Por isso a referência um tanto jocosa ao “culto à personalidade” é um verdadeiro horror.

Daquilo que trata o Relatório Khrouchev – sendo seu promotor ele mesmo responsável de muitos assassinatos políticos e eliminação de soldados tomados pelo medo em Stalingrado - permanecem restos nos partidos e fora deles, em especial entre muitos dos quadros neles socializados e estarão presentes enquanto viverem representantes de tais gerações. É muito difícil para militantes que travaram lutas internas em favor de certas “aberturas” perceberem que as questões eram e são muito mais complexas e profundas. Pensa-se ter feito uma real “autocrítica”, quando na verdade ficou-se apenas na ponta do *iceberg*. Concretamente, quando “em guerra” na UFRJ eu deveria ter tido medo, porque na verdade se trata de toda uma rede estalinista “viva e bulindo” sentindo-se como tendo ultrapassado as formas de ação denunciadas em 1956. Minha afilhada Yara me disse um dia já neste século - “tenho medo de quem não tem medo“. Hoje reconheço que ela tem razão. É preciso ter medo. Mas, por outro lado, é preciso ter medo igualmente de quem tem muito medo.

Mas, retornando à narrativa linear, eu o encontrei muito poucas vezes nos últimos 30 anos. Duas vezes na praia - uma delas normal, outra hostil. Uma vez na casa de Carlos Nelson, com Cristina grávida. Achei a reunião uma chatice, mas constatei que ela era – certamente – uma pessoa mais adequada para ele do que eu. Uma vez o vi no lançamento de um livro no IUPERJ. Carlos Nelson me pediu para guardar um livro e quando olhei para o lado eu o vi surrupiando o dito exemplar. Fingi que não tinha visto. No início dos anos 80 até pensei que poderíamos ser amigos, pois nos encontramos na casa do diretor do Goethe Institut e conversamos longamente. É certo que todos se afastaram e nos deixaram num canto do salão. Mas eu entendi mal. Na verdade, eu estava apaixonadíssima por outra pessoa e comecei a lhe contar sobre o meu novo amor. Certo, eu percebia que ele ironizava todo o tempo. Mas eu nem sequer prestava a atenção. Acho que a partir daí as coisas pioraram. Aliás, sobre a questão dos ciúmes atrasados (ou não) muitos de meus amigos atribuem conteúdos do livro ao meu casamento em fevereiro de 2006 – período no qual ele indica ter começado a escrevê-lo. O fato eu ter chorado na cerimônia indicava sentimentos que eu não havia tido por ele. Além disso, eu me casava com um intelectual internacionalmente reconhecido, quando ele vivia sua tentativa de fazer-se reconhecer nacionalmente, nem que fosse à custa da reiteração de idéias que precisam, no mínimo, de integração num quadro mais amplo.

Em 1971 conheci um jovem advogado de 36 anos, com um emprego no Estado. À margem de suas atividades como advogado interessava-se pela filosofia e pelas artes, tendo bons conhecimentos em história da arquitetura, em literatura, em pintura; era, visivelmente, uma pessoa culta, com muitas leituras e naquele momento ainda era

possível, no Brasil, ter sucesso e reconhecimento sendo um autodidata. Fui também descobrindo, tinha um nome de família, parentes e amigos conhecidos - o que tornava a vida mais fácil de muitos pontos de vista. Ao deslocar-se do Rio de Janeiro e mais especificamente da República de Ipanema, para a Alemanha o choque foi enorme, e aquele foi um período marcado por duras derrotas. Pouco afeito à batalha pela vida, reagiu mal. Meu exemplo em nada o ajudava. Ao contrário. Eu havia feito ainda no Brasil minha pesquisa e redigido meu primeiro livro entre os 26 e 28 anos, num ano e meio. Trabalhava com uma enorme energia (ele dizia sempre que eu ‘eu era uma força da natureza - não da cultura, evidentemente). Ao mudar-se para a Alemanha ele se deu conta de suas limitações, da imensa distância da vida de Ipanema, do prestígio familiar, da província do Rio para uma Europa meritocrática, exigente, que valoriza o esforço, a criatividade.

Eu percebia que talvez pudesse existir certa idéia de que eu lhe “tirava as forças”, ou seja, de que a minha energia fosse gerada a partir dele - como aconteceu na interpretação da minha obtenção da bolsa de Estudos na Alemanha por sua mãe. Mas, mesmo assim, eu o tinha em tão alta conta que não podia admitir que ele competisse comigo. Por isso, levei um susto quando - tendo meu artigo sobre Oliveira Vianna aceito pelo Pe. Vaz na Revista *Síntese*, lhe enviei uma separata. Seu comentário foi o seguinte: “colocado em letra de forma ele até adquire alguma dignidade”. Independente do juízo que se possa fazer hoje sobre ele, escrito em 1975, foi republicado pelos *Encontros com a Civilização Brasileira* e foi em função dele que terminei no Conselho Editorial da Revista e amiga de Enio Silveira. Sobre ele me escreveu Michel Debrun.

Fiquei bastante surpresa quando o vi entrar para o Departamento de Educação da PUC. Não por sua reivindicação de “comunista” porque - afinal - não se tratava apenas de um comunismo intelectual-mundano, sem qualquer compromisso com a miséria do mundo, mas porque ele era um homem “do mundo” que podia entrar e sair muito bem de todos os ambientes. Mas por ter aceita descer do pedestal da filosofia e das artes para uma área prática como a educação. Havia uma vantagem: ele seria admirado por todos sem precisar corresponder - como bem mostra a ausência de sobrenomes de profissionais desta área. Mas a distância entre seu sonho de reconhecimento e a realidade foi grande demais. Acredito que sua velha competição comigo se acirrou no final dos anos 80 e início dos 90, seja devido a lutas contra grupos do velho PCB na UFRJ - provocados por fortes ameaças verbais absurdas que recebi por parte de Horácio Macedo, reitor da UFRJ por oito anos, no momento em que lhe comuniquei cordialmente que não pretendia continuar numa das Sub-Reitorias (que havia assumido a contragosto) sugerindo perseguições dos quadros restantes do Partido ou de intelectuais e universitários

comunistas - seja devido à grande tragédia que se abateu sobre mim no final da década com a morte de meu irmão mais novo. No primeiro caso, ele pode ter sido instado a mostrar sua solidariedade com o grupo anteriormente citado que, de certo modo, ainda mantém considerável poder institucional e social no Rio de Janeiro. No segundo, acredito ter sido a primeira vez em que ele se sentiu mais forte que Flechsig e resolveu aproveitar a situação. Tratava-se de um combate no interior do campo educacional, mas sem mostrar seus verdadeiros motivos. Vi-me transformada em alvo profissional, com alguém tentando sub-repticiamente reconstruir-se a partir de uma disputa que precisava ser invisível.

De qualquer modo, eu sou a testemunha do início de um processo irreversível, que ele considerou como sendo uma trajetória de fracassos - sem conseguir ver nem o caráter histórico do que foi ocorrendo em sua própria vida, nem o fosso cultural vivido entre o Brasil e a Europa e menos ainda substituir sua idealização inicial por uma visão mais realista de si mesmo. Além disso, creio ter se tornado mais claro (ao menos em suas conseqüências) o caráter introdutório e de divulgação de seus trabalhos que repetem o já dito. Não há nisso qualquer problema: é a opção de muitos, um serviço específico que se presta à sociedade. O descontentamento com a posição decorrente na comunidade científica liga-se diretamente às pretensões de quem fez tal opção. Ora, isto não constituía problema há 30 ou 40 anos atrás. Foi o tipo de desenvolvimento imprimido ao sistema universitário brasileiro, a profissionalização obrigatória dos intelectuais que tornaram este fosso visível e obrigaram a todos a se reconhecer numa posição x ou y numa escala nem sempre muito clara em relação à verdadeira cultura ou nível de conhecimento de cada um. Mas, para quem pretendia ser um “sábio” certamente tratou-se de um duro processo interior e da necessidade de refazer caminhos de reconhecimento sem mudar o rumo e as escolhas na sua produção. Pretender, em um tempo de grandes mudanças, uma continuidade identitária pode significar petrificação individual e dificuldade de entender o que se passa em torno. É um caminho difícilíssimo que, tomado com *flair play* (uma de suas caracterizações preferidas), pode parecer tranqüilo.

Outro fato também deve ter contribuído para seu rancor contra mim. Ele resolveu, depois das frustrações com seu doutorado, partir para um projeto alternativo e lançou-se ao estudo do fascismo. Sou testemunha da imensa quantidade de leitura feita para a elaboração do que veio a ser *Introdução ao fascismo*. Ele certamente se irritava quando eu o chamava de “leitão”, numa época em que ele dizia gostar de ler, mas não de escrever. Definitivamente o livro não permite ver o imenso esforço realizado. Leandro resolveu me dedicar o livro e me comunicou sua decisão depois que eu estava no Brasil. Eu rejeitei a dedicatória - não porque se tratasse de mais um livro de divulgação, sem

idéias próprias e originais - e sugeri que fosse dedicado à sua mãe e à sua irmã. Eu simplesmente não queria que aquele livro em particular me fosse dedicado porque àquelas alturas eu já havia recebido a visita da Marel e havia assistido como cada capítulo era enviado à sua irmã para ser lido e admirado pelo seu grupo de pretendentes, gerando um clima propício a fantasias amorosas à distância daquelas jovens. Marel foi fisgada por aquele anzol. Definitivamente, não era justo aquele livro me ser dedicado!

Finalmente, deve ser mencionado o risco que representam processos aqui descritos no interior da Universidade brasileira. Trabalhei na Pós-Graduação de Educação da PUC/SP entre meados de 1994 e de 1995 e ali tomei conhecimento que estava sendo elaborada uma tese sobre o ISEB ou, mais precisamente, sobre Álvaro Vieira Pinto. Embora este tivesse sido meu tema de tese, jamais fui procurada ou consultada sobre a questão. No segundo semestre de 1995, embora já não fizesse parte do corpo docente, ali organizei um seminário sobre a Escola de Frankfurt. Minha expectativa era a de que o auditório estivesse cheio, o que não era exatamente o caso. Eu havia trazido Martin Jay dos Estados Unidos, autor de um dos mais importantes livros sobre o tema. Estavam presentes convidados da Alemanha e muitos intelectuais brasileiros de grande reconhecimento. O auditório encheu, mas lá não estavam meus alunos. Considerei o fato como muito estranho e num momento em que fui ao corredor me disseram que Leandro estaria no mesmo andar. Que importância poderia ter isso? Onde estavam os meus alunos? Onde estavam os professores do programa? Ninguém me explicou, mas havia um clima diferente no ar. A USP compareceu em peso, com figuras como Roberto Schwartz e Paulo Arantes, entre outros.

Passados quase 10 anos vi numa banca um livro sobre Vieira Pinto. Na verdade, eu já o havia visto. Mas não me havia interessado a ponto de folheá-lo. Desta vez eu o fiz e fiquei muito espantada. Tratava-se de um livro dirigido, em grande medida, contra minha tese. Comprei-o e li-o atentamente. Constatei algo curioso: a orientadora era Mirian, coordenadora do Programa e que eu supunha filósofa (na verdade é pedagoga), e que nunca trabalhara sobre o tema. Em compensação, o aluno havia feito inúmeras entrevistas com Leandro - que havia frequentado o ISEB e mesmo escrito uma resenha sobre *Consciência e Realidade Nacional* nos anos 60. Ele havia sido o verdadeiro orientador da tese. Já quanto à data, local de defesa, horário e sua coincidência com o seminário sobre a Escola de Frankfurt foram determinados pela Coordenadora do Curso. De fato, havia um clima de sensação no Programa naquele dia: tratava-se de algo no qual todos tomavam parte, ou seja, da determinação da posição relativa de cada ator no “campo”. Três personagens se aliaram (o aluno, a orientadora e o co-orientador) numa

disputa comigo, que a ignorava, cada qual por razões completamente diferentes.

As teses defendidas - e que, aparentemente, tem feito sucesso nos meios educacionais - são incorretas. Apenas pontualmente: é evidente que a questão nacional constitui a principal questão de Vieira Pinto e que sortear trabalho, educação popular e Terceiro Mundo como suas questões centrais enviesa inteiramente a leitura do autor. Em especial, considerar que ele centra seu trabalho numa noção tão pouco rigorosa (uma noção de combate, que não chega a ser um conceito) como a de Terceiro Mundo retira parte do valor filosófico da obra analisada. Estas são, porém, questões de fundo que não podem ser aqui tratadas rapidamente. Vale notar que meu livro, publicado pela Ed. Civilização Brasileira foi escrito entre 1977/78, publicado por partes em artigos entre 78 e 79 e em livro em 1980 pela Civilização Brasileira. O autor centra sobre ele sua crítica usando e citando uma republicação de 1986. Assim, o que era uma tese original em meados dos anos 70 já se tornara moeda corrente em meados dos anos 80, por um lado, e já dera lugar a Movimentos Para Universitários de condenação à simples análise do trabalho de Freire, que se tornaram fontes de grandes interesses que envolvem postos universitários.

Mas o que interessa aqui é que não somente as teses - que são compatíveis com o que ele podia pensar do trabalho de Vieira Pinto como militante que frequentava o ISEB - mas o fato de dirigir-se como crítica descortês ao meu livro. A maneira de referir-se ao meu trabalho contrasta com a forma utilizada em relação a todos os demais autores citados, adulados mesmo quando criticados. Teria o aluno razões para tal? Sim. A orientação foi a de escolher um alvo, quem tiver a melhor “posição no campo“, e atacá-lo sem piedade, fazendo o contrário com os demais. Ora, esta é a estrutura da biografia de um intelectual comunista. Com isso, a carreira fica garantida. Escutei este tipo de argumento muitas vezes na vida diária. Ali eu o vi colocado em prática. E, lamentavelmente, esta parece ter se convertido, em parte, numa prática corrente nas nossas universidades. Já não se discute nada. O principal é saber quem estará na banca para não esquecer as devidas citações, acompanhadas das daqueles que se encontram onde existam postos que possam ser pretendidos pelo autor.

Introduzido e elogiado pelo co-orientador e por Mirian Warde, o texto desta última merece uma palavra. Está ali escrito em letra de forma que eu teria afirmado naquele período que ninguém teria lido as 1000 páginas de *Consciência e Realidade Nacional* (só eu, naturalmente). Isso é o mesmo que eu sair inventando contos da carochinha quando ela, mais tarde, na solidão que os bolsistas se sentem no exterior, me telefonava a cobrar sabendo que eu não negaria tal solidariedade. É fato corrente que participei de seminário na USP a convite de Luis Eduardo Wanderley em 1976, recém

chegada da Alemanha, sobre Vieira Pinto. Inocente, não tive meias palavras para criticar o texto - posteriormente publicado - da Maria Sylvia de Carvalho Franco e as intervenções da Marilena Chauí. Eu fiquei tão atônita (pela repercussão) quanto os demais e o episódio ainda hoje me é lembrado por pessoas que estiveram presentes. Como poderia eu supor que a Maria Sylvia não tivesse lido aquilo que criticava - e que estava, evidentemente, bem fundamentado, embora as teses não correspondessem àquilo que me parecia correto? Tudo é muito coerente com o espírito da tese.

Finalmente quem poderá dizer-se, na vida, um perdedor? Em primeiro lugar, aquele que tem (ou teve) expectativas de ser um vencedor. A questão está mal formulada. Face à morte, face à natureza, somos todos perdedores desde o momento em que nascemos - uns mais, outros menos. Face à vida, somos simultânea ou alternativamente todos vencedores e perdedores. Vencemos em alguns momentos, em algumas situações, em alguns tópicos e perdemos noutros. Do ponto de vista generacional, somos sempre perdedores. A idade e a maturidade vão nos dando a consciência de que a história não caminha como queremos, nem mesmo quando somos vencedores do ponto de vista político em algum momento. Estamos sempre, para usar uma expressão de François Furet, diante “do passado de uma ilusão”. As gerações que cresceram e viveram nos últimos 60 anos no Ocidente e mesmo no Terceiro Mundo são tendencialmente vencedoras do ponto de vista profissional, simplesmente porque viveram na “idade de ouro da humanidade” - do ponto de vista da riqueza social acumulada, das formas de distribuição e das imensas oportunidades abertas depois do fim da última Guerra mundial. Mas a vida não reserva a uns apenas o riso e a outros apenas a dor.

Se nos faltaram forças, condições psicológicas, familiares, capital social, econômico ou cultural, se a ação do acaso parece negativa ou fizemos más escolhas - são questões de natureza individual que agiram em meio a condições altamente favoráveis. Existiram heróis que decidiram imolar-se no altar da história por convicções ideológicas e dificuldades de avaliar corretamente as situações; houve também quem foi surpreendido e liquidado com olhos atônitos. Houve grande generosidade e ingenuidade, mas também grande manipulação no empurra-empurra de diferentes posições e estratégias. Mas, nesta parte do mundo, não houve perdedores nas proporções do Nazismo, da Revolução Cultural chinesa, dos Gulags russos ou dos Campos cambojanos, apesar das tragédias chilenas e argentina. Somos todos parte de gerações altamente privilegiadas e devemos agradecer à vida por isso. O resto é vaidade, é cobrança aos outros e à natureza - quando na verdade, tudo está em nós.

Quem muito recebeu, muito quer! Quem teve muitas chances e muitos êxitos - sempre relativos - ao apresentar-se como perdedor humilha aos muitos destinatários de

uma mistura menos favorável. Não se trata de uma manifestação de humildade, mas de orgulho, de falta de sabedoria que permita ver o caráter relativo das vivências e a miséria do mundo. Ouve apenas a ameaça das ruas: “Perdeu, playboy” - a ameaça dos verdadeiros perdedores! A humilhação do outro é a moeda que recompensa o narcisismo não resolvido! A divulgação de seus inúmeros casos dos anos 70 pode ter sido também uma forma de valorizar o seu ego e me mostrar sob uma ótica sem valor, mas ninguém vai achar que eu era uma coitadinha. O que me parece equivocado é ter omitido não apenas suas inúmeras relações mais recentes, mas ao menos a relação que durou quase todos os longos anos do período de sua doença e que certamente lhe deu alegrias que mereceriam reconhecimento. Não reconhecê-lo é mais uma forma do profundo egoísmo, conservadorismo e de covardia moral que atravessa a publicação.

Muitíssimo mal comparando, a biografia de um homem sem obras nem feitos espetaculares - como lembra Boutang, que escreveu sobre Althusser - é a história de uma vida que busca o segredo da glória. Pode ser a qualquer preço. Se Althusser matou sua mulher (de forma literal, não simbólica) num ato falho espetacular do ponto de vista mediático, o mesmo já não se pensa sobre a maternidade de Raschida Dati: são formas “ordinárias” de lutar por tornar-se um mito, porque detrás delas - supõem - se eleva um gigante que enfrentará o fracasso e impedirá a queda do anjo em desgraça. No caso do primeiro, manter-se “na rota do encantamento do mundo diante do movimento inelutável de seu desencantamento” (p.17) foi a prece althusseriana que encantou os jovens e deu brilho à festa, quando na rua se atiravam paralelepípedos contra os policiais em 68 - seu pequeno atenuante foi ter morrido logo depois da queda do muro de Berlin. A biografia como “glória de uma vida” cai inevitavelmente naquilo que Barack Obama indica como algumas das armadilhas a evitar: sobreestimar o interesse dos outros pela sua experiência (e interpretações) e não ter, nem mesmo com a idade, podido curar-se de certas vaidades (p.20-21).

Os piores golpes do destino, aqueles que dificilmente podem ser superados, ocorrem na tenra infância. São eles que envenenam a vida e impedem a morte *en beauté*, em combate bom e nobre.

Livros citados:

- Boutang, Yann Moulrier. (1992) *Louis Althusser*. Paris, Bernard Grasset.
- Canetti, Elias.(1972). *Macht und Überleben*. Berlin, Literarisches Colloquium.
- Herzen, Alexander (1973). *My Past and Thoughts*. London, Univ. of California Press.
- Israëls, Han (1989). *Schreber: Vater und Sohn*. Verlag Internationale Psychoanalyse, München.
- Lacan, Jacques. Du coté de Schreber. *Écrits II*. Points, Paris.
- Lazitch, Branko (1976). *Le Rapport Khrouchtchev et son histoire*. Ed. Du Seuil. Paris.
- Marquez, Gabriel García.(2002) *Vivir para contarla*. Ed. Diana, México.
- Freud, Sigmund (1954). Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (Le Président Schreber). IN: *Cinq Psychanalyses* (1954). PUF, Paris, p. 263-324.
- Friedmann, Frida (1995). *Donos do Rio em nome do Rei*. Rio de Janeiro, Garamond.
- Obama, Barack. (1995/2008). *Le rêves de mon père*. Paris, Presses de la Cité.
- Schreber, Daniel Paul (1975). *Memoires d'un névropathe*. Paris, Ed. Du Seuil (de acordo com o original *Denkenwürdigkeiten eines Nervenkranken*, Oswald Mutze, Leipzig, 1903)
- Pedroza, Manoela da Silva.(2008) *Engenhocas da moral: uma leitura sobre a dinâmica agrária tradicional*. Tese de doutorado. Campinas, SP .
- Peralva,Osvaldo. *O Retrato*. Rio de Janeiro, 1948.
- Vallejo, Cesar. Los Heraldos Negros. IN: *Obras Poemas Completos*, Caracas, Coleccion Angel Rama.



Lisboa – Mosteiro dos Jerônimos 1974